



A CRUZ, SABEDORIA DE DEUS

Retiro de Quaresma 2024 com Padre Jacques de Jésus (Lucien Bunel) - “Pela Cruz à Luz”

Leitura da primeira carta de São Paulo aos Coríntios : (1Cor 1,22-25)

“Os judeus pedem sinais e os gregos andam em busca de sabedoria; nós, porém, anunciamos Cristo crucificado, que para os judeus é escândalo, para os gentios é loucura, mas para aqueles que são chamados, tanto judeus como gregos, é Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus. Pois o que é loucura de Deus é mais sábio do que os homens, e o que é fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”.

Proclamar um Messias crucificado

Deixemo-nos interpelar pelas palavras de São Paulo. Ainda não estamos evangelizados até às últimas profundezas de nosso ser. Há “judeu” e “grego” em cada um e cada uma de nós. Gostaríamos – e, às vezes, até pedimos – sinais, prodígios espetaculares que se imporiam a nós e ao mundo, dispensando-nos de realizar um ato de fé. Em outros momentos, procuramos raciocinar, discutir; procuramos provas racionais para compreender e crer. Mas não nos é dado outro sinal senão aquele de Jonas (Mt 12, 39), o sinal do Mistério Pascal, o sinal da Cruz. **Ser cristão é ser marcado pela Cruz de Cristo**, é ser mergulhado em sua morte para participar em sua Ressurreição (Rm 6, 3-5). Lembramo-nos de que, por ocasião de nosso batismo, o sacerdote traçou sobre nós o sinal da Cruz.

Durante sua Paixão, no jardim de Getsêmani, Jesus interroga aqueles que vão prendê-lo: “*A quem buscais?*” (Jo 18, 4). Neste tempo de quaresma, Ele também nos faz a mesma pergunta: **“A quem procuramos?”** Como tomamos tempo para seguir este retiro online, vamos certamente responder que procuramos o Cristo Jesus. Mas, se é o Cristo Jesus a quem procuramos, interroguemo-nos: **“Onde o procuramos?”** Vale a pena fazer essa pergunta. Deixemo-nos interrogar: nós o procuramos na Cruz, instrumento de tortura, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos (1Cor 1, 23)? Perguntamo-nos: **é na Cruz que procuramos o Cristo, sabedoria e poder de Deus?** Não o procuramos onde é bom viver, no monte das bem-aventuranças, à beira do lago, para participar da pesca, ou alhures, nos lugares mais agradáveis e aprazíveis?



A Cruz, fonte de vida

Ora, a Cruz é – para nós, cristãos – o lugar por excelência onde o poder de Deus se manifesta. Ela é o lugar do encontro, da união com Cristo. Somos convidados a descobrir que a Cruz de Cristo é potência de Vida, que ela nos conduz à Luz.

Contemplar a Cruz não é comprazer-se no sofrimento e na dor, não é cair no masoquismo.

Frei Jacques de Jesus contemplou longamente esse mistério. De sua experiência espiritual brota um ensinamento para ajudar os cristãos a abraçar a Cruz.

Tomar sua Cruz e seguir Jesus

Em uma carta de 13 de maio de 1932, ele escreve a Jacques Lefèvre:

“Não te surpreendas por ouvires tua natureza gritar. Nosso Senhor falou: ‘Qui vult post me venire, abnegat semetipsum et tollat crucem suam et sequatur me’ (Se alguém quiser vir após mim, que renuncie a si mesmo, tome sua cruz e siga-me: Mt 16, 24). Ele acrescentou: ‘Jugum meum suave est et onus meum leve’ (Meu jugo é suave e meu fardo é leve: Mt 11, 30). Como isso é verdade! A cruz de Jesus que devemos tomar parece pesada, rugosa, terrivelmente pungente quando a vemos de longe. Basta colocar-se sob ela com corajosa determinação para perceber que ela é doce e radiante de alegria divina!”

Frei Jacques de Jesus nos fala por experiência e nos convida a partilhar a sua para descobrir que **a cruz, que espontaneamente e humanamente nos desagrada, é um lugar de vida e de felicidade.**

Em uma carta de 17 de outubro de 1935, à Madre Inês de Jesus, priora do Carmelo de Lisieux e irmã de Santa Teresa do Menino Jesus, ele retorna à pregação que ministrou por ocasião dos três dias de festas em honra da santinha:

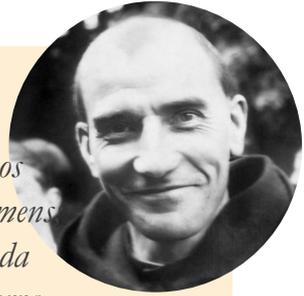
“E todas as vezes que preguei a doutrina de Santa Teresa (em retiros ou em paróquia), foi principalmente esse aspecto que destaquei, porque encontrei muitas almas que confundem ‘infância espiritual, abandono a Deus’ com não sei qual indolência piedosa. Parece-me que o pano de fundo essencial da santidade se encontra indicado por estas palavras de Nosso Senhor: ‘Meu alimento é fazer a vontade do Pai...’ (Jo 4, 34). ‘Quem quiser vir após mim deve tomar sua cruz a cada dia e me seguir...’ (Mt 16, 24). ‘Aquele que me ama guardará minha Palavra, e meu Pai o amará e a ele nós viremos e nele faremos morada...’ (Jo 14, 23). Tudo isso se harmonizava perfeitamente com ‘Meu jugo é suave, meu fardo é leve’ (Mt 11, 30), pois o que alivia o peso da cruz e a torna amável é o amor com o qual a carregamos”.

Batizar o sofrimento

No retiro que prega no Carmelo de Pontoise, de 6 a 12 de setembro de 1943, sua décima sexta instrução é intitulada “A Cruz: batizar o sofrimento em felicidade”. Vamos apresentar longos trechos desse texto. Em primeiro lugar, esclareçamos que, diante do sofrimento, o silêncio se impõe.



Só aquele que sofre pode tentar – pobremente, modestamente – dar sentido ao que está vivendo. Mas precisamos arriscar uma palavra que permitirá dar sentido àquilo que continua a ser um não-sentido. Tomemos o tempo de acolher essas palavras de fogo, lê-las e relê-las, para que abram em nós um caminho de vida e de verdadeira felicidade na união com Cristo Jesus crucificado e ressuscitado:



O grande escândalo, que mantém muitas pessoas longe de Deus, é o grave problema do mal. O mal moral, o pecado? Sim, mas não tanto. O mal moral naqueles que deveriam dar o exemplo? Novamente sim, mas mais ainda o mal físico, o sofrimento, o mal ao qual assistimos – como a guerra, por exemplo; o esmagamento metódico de cidades, bairros, associações de homens, mortes violentas, injustificadas de crianças, anciãos, mulheres, inocentes; o esmagador flagelo da guerra, das doenças; flagelos de todos os tipos, que sobrevêm em consequência de tremores de terra, inundações, secas, chuvas demasiado abundantes; todo esse conjunto constituído por fontes extensas, fontes vastas, terríficas de sofrimentos de toda sorte; crianças arrancadas aos pais, famílias dispersas!...

O grande problema do mal físico, do sofrimento: que objeto de escândalo para a maior parte dos homens! Quantas vezes ouvi estas reflexões dos camaradas: “Acreditas que, se Deus existisse, Ele, que é todo-poderoso, aceitaria esses massacres, toleraria que o mal triunfasse, que os ladrões vivessem tranquilamente, que aqueles que enganam tenham a vitória sobre os que querem ser honestos, que as paixões humanas sejam mais fortes nesta terra?” [...]

Esse é o maior problema. E, por ser um grande problema, Cristo quis morrer aos nossos olhos em um abismo de sofrimentos.

[...]

É que – vede – o Cristo vinha à terra para nos ensinar. Vinha ensinar-nos a ser felizes, pois foi para isso que Deus nos criou e é isso que devemos repetir sem nos cansar a todos aqueles que levantam objeções.

Deus nos criou, não para o sofrimento, mas criou a todos, sem exceção, para ser felizes. Sua vontade é que sejamos felizes, plenamente felizes, para que tomemos conosco uma totalidade de amor.

A desgraça é que os homens não sabem mais ser felizes, aprendem tudo, menos aquilo que é o essencial.

Como devemos fazer para ser felizes?

Procuramos todos os caminhos, não encontramos este: o da felicidade.

*Os homens passam o tempo a buscar a felicidade, essa é a sua preocupação de todos os dias. **Quando mudam de ocupação, quando fazem esforços, todo o seu agir não tem senão essa única finalidade.** Nós mesmos não temos outro instinto além deste: ser felizes. E temos razão! Todo o nosso ser respira isso, aspira a isso! Tal como foi criado por Deus, ele deseja ser feliz, como Deus!*

O bom Deus não conhece nenhuma alteração em sua infinita felicidade. Deus não podia criar seres para outra coisa, a não ser para dar-lhes a felicidade.

A felicidade é positiva, o mal é negativo. Deus não pode realizar o negativo, o mal não vem de Deus, pois o mal é uma ausência de ser, é uma falta de ser.



A felicidade é uma plenitude de ser, um crescimento de ser. O mal não é obra divina. Os homens buscam sua felicidade desde sempre. Adão e Eva procuravam sua felicidade, provocaram sua infelicidade. E aquilo que fizeram – seu erro, seu gesto –, todos nós voltamos a cometê-lo, todos nós o recomeçamos! Não adianta... todos aqueles que nos precederam, que deixaram escapar sua felicidade, que se enganaram... não adianta ouvi-los dizer a nós: “Não é isso que se deve fazer”. Não os escutam, queremos refazer – cada um por nossa conta – a experiência pessoal dos caminhos a descobrir, dos caminhos que não chegam a lugar algum, que são becos sem saída. É preciso voltar atrás, tomar outra direção! Quanto tempo perdido!

Se escutássemos o Cristo, que veio ensinar a felicidade ao mundo!

Mas, contra a felicidade humana, opondo-se a ela, parecendo opor-se a ela, há este grande obstáculo: o mal, o sofrimento.

Há dois modos de livrar-se do sofrimento, de destruí-lo. O primeiro modo consiste em evitar que ele possa acontecer, tomando todas as precauções necessárias; ou, se vier a acontecer, removê-lo, suprimi-lo por todos os meios de que dispomos. Há outro meio de removê-lo: convertê-lo em felicidade, “batizá-lo”.

[[...]] Não há um único ser humano que não encontre o sofrimento, sob todas as formas, um dia ou outro; mesmo aqueles que foram viver sua vida entre canções, com a segurança de sua saúde, de sua força... Nós os encontramos no caminho, atingidos, feridos, amargurados, atribulados, cheios de dores.

Mas a grande massa dos homens quer destruir a dor, quer removê-la unicamente evitando-a, procurando imediatamente sufocá-la quando ela aparece, descartá-la, mandá-la embora, não a conservar. [...] Cristo sabia que essa primeira maneira apenas coloca uma gaze na ferida, mas não suprime a raiz do mal; faz apenas ganhar algumas horas, alguns dias, alguns meses!

Cristo assumiu outro modo de agir, o modo profundo, divino, definitivo: converteu o sofrimento em felicidade.

Cristo nos ensinou a atingir o sofrimento em sua própria raiz, em sua própria fonte, donde ele brota; a captá-lo e transformá-lo, a mudar sua natureza, a fazer dele uma fonte de felicidade. E foi isso que Cristo escolheu para Si, em Si. Não amaldiçoou o sofrimento, não disse que o sofrimento era um mal do qual tinha que desembaraçar-se a qualquer preço, materialmente. Ele acolheu a Cruz. Ele mesmo disse: ‘Aquele que quiser vir após mim deve tomar sua cruz todos os dias e seguir-me’ (Mt 16, 24).

É claro que, por nós mesmos, não somos capazes de converter o sofrimento em felicidade. Mas, estando no sofrimento, podemos sempre mergulhar no Amor de Cristo. Podemos escolher amar com Ele; podemos decidir habitar essa dor física, psicológica, espiritual ou qualquer outra, em comunhão com Ele. Então, mesmo que a dor permaneça, o sentimento de absurdidade e de solidão pode dar lugar a uma certa felicidade mais profunda vivida com o Cristo. Mas é um caminho pessoal e íntimo, a ser vivido em estreita união com o Senhor, e que podemos tangenciar e evocar com respeito e delicadeza.

Com a força que dá o Espírito Santo, procuremos o Cristo Jesus na Cruz, abracemo-la e a tomemos como um bastão para o caminho, para guiar-nos à felicidade, batizando todos os sofrimentos que não podemos suprimir.

Frère Didier-Marie GOLAY,
ocd (convento de Paris)



Segunda-feira, 4 de março: O sinal da Cruz

“Meu pequeno Jesus, entro em vossa escola. Sede meu guia, ensinai-me ‘a Cruz’. Tenho, talvez, ainda sessenta anos de vida sacerdotal a viver: sessenta anos!... E cada hora, cada dia devem ser empregados tão santamente que ganhem almas para vós!...” (Le Père Jacques, *Martyr de la charité*, p. 51)

“Nada quis saber entre vós, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado” (1 Cor 2,2)

Tomo tempo para traçar lentamente sobre meu corpo o sinal da cruz, invocando o nome de Deus.



Léon Bonnat - “Cristo na cruz”

Terça-feira, 5 de março: No mais profundo de minh'alma

“O que é a vida, se não consistir em uma ascensão incessante para Deus? (...) Mais mergulhamos em Deus, mais todo o ser se dilata. Sentimos nosso coração e nossa alma se abrirem. É um ar benéfico que vem do Céu e vivifica o íntimo de nosso ser” (Carta a Antoine Thouvenin em 1925)

“Corro no caminho dos teus mandamentos, pois tu alargas meu coração” (Sl 118,32)

Minha fé torna meu ser profundo mais largo e dilatado?



Quarta-feira, 6 de março: Rezar com o coração

“Sobretudo, não ide ver Jesus para ler diante d’Ele orações feitas, encontradas nos livros. (...) É vosso coração que Ele quer, não fórmulas”

(Sermão de 1927, em Havre).

“Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechando tua porta, ora a teu Pai que está lá, no segredo. (...) Nas vossas orações, não useis de vãs repetições, como os gentios (...) (Mt 6, 6-7)

Tomo um tempo para rezar, no qual entrego ao Senhor a minha verdadeira vida.



Quinta-feira, 7 de março: Amar as multidões que sofrem

“Eu vos peço que adotéis, em vossa ternura materna, todas as pobres multidões, escutando Cristo falar sobre a cruz e afirmar: ‘Meu Pai, perdoai-lhes, não sabem quem sou, não sabem o que estão fazendo!’ Peço-vos que as ameis. Não podemos fazer o bem (...) se não amarmos como aos nossos próprios filhos aqueles a quem devemos evangelizar” (Caderneta de Lucien Bunel 1900-1945, p. 50).

“Amou-os até o fim” (Jo 13,1)

Que pequena ação posso realizar hoje por alguém próximo que está sofrendo?



Sexta-feira, 8 de março: Cristo no meio de nós

“Não duvideis: tão verdadeiro quanto estamos aqui, Cristo está aqui, no meio de nós, como se estivesse na Cruz. E vós podeis contemplá-lo” (Campo de concentração de Mauthausen em 1944 – testemunho referido pelo senhor Augé).

“Eis que estou convosco todos os dias, até ao fim do mundo” (Mt 28,20)

Faço um ato de fé na presença de Cristo em minha vida hoje.



Sábado, 9 de março: Escutar com Maria

“Maria era uma oração silenciosa; e foi no silêncio dessa oração silenciosa, retirada, que Maria ouviu a voz do anjo. Não a teria ouvido se não estivesse em silêncio” (Retiro à Ordem Terceira do Carmelo de Chaville, em 1936).

“Maria guardava todas as coisas em seu coração” (Lc 2,19)

Peço à Virgem Maria que me ajude a escutar melhor a Palavra de Deus.



1939 – Remenoncourt: Frei Jacques de Jesus e François de Comon